



A menina da máscara de madeira ou A armadilha das aparências

Conto fula coletado por Amadou Hampâté Bâ¹

Sentindo seu fim se aproximar, mamãe Kombourou, antes de se dissipar nos mistérios da morte, partiu ao encontro da árvore Badhadhi² a fim de lhe confiar sua pequena menina.

“Oh, vegetal!”, disse. “Confio à sua proteção a única semente que resta de mim. Peço que a coloque entre sua madeira e sua casca, e que a deixe partir rumo aos filhos de Adão somente em sua maioridade”.

Assim foi feito. A pequena menina foi colocada no interior de uma máscara de madeira, e escondida no próprio seio da árvore. Muitas invernadas se passaram... Com o passar dos anos, ela cresceu e se tornou uma moça muito graciosa.

Um dia, ela ouviu o eco de cantos que vinham do vilarejo vizinho. Um violento desejo de ir a esse vilarejo se apoderou dela. Não podendo resistir, preparou-se para deixar sua árvore protetora.

“Tome cuidado!”, disse Badhadhi. “Os filhos de Adão do sexo contrário ao seu são fogosos e audaciosos; quanto aos de seu sexo, são invejosos e hábeis em fazer o mal. Mas já que você quer tanto ir, tome! Pegue estas duas muletas, vista essa grande máscara, e jamais a deixe antes de se assegurar um poderoso protetor dentre os homens”.

¹ Os *Fula* são um dos grupos étnicos habitantes de regiões da atual África Ocidental (NT). Tradução de Mayara Matsu Marinho, graduada em Letras (Língua Francesa e Literaturas) e Mestra em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina. Integrante do Coletivo A Tradição Viva.

² Nome fula da árvore *commiphora africana*. (Ch.S.).



Foi assim que a menina toda mascarada de madeira deixou a árvore Badhadhi e tomou a estrada que levava ao vilarejo. Chegando à altura das primeiras casas, foi bater na porta de um velho bufão. Suplicou:

“Por piedade, dê um espacinho bem pequeno para Leguel-Badhadhi!”³

O bufão gargalhou, fechou o olho esquerdo e disse:

“Nesta casa, não há mais espaço nem mesmo para uma mosca! Eu ponho meu pé aqui, ali eu ponho meu braço, e minha cabeça repousa por lá; o teto é ocupado por andorinhas; quanto ao espaço que fica entre o chão e o teto, ele é o teatro de uma guerra perpétua entre o vento que sai de minha boca-inferior e o ar que vem de fora. De fato, meu peido é sempre enérgico e eu posso entoá-lo com arte. Só depende de mim, para deixá-lo pesado e fedido, ou leve e estridente...”.

– Eu sou um ser miserável – disse Leguel-Badhadhi – Por favor, tenha compaixão por mim, aceite me receber!

– Vai-te embora! – gritou o bufão – Senão, vai sair de meu traseiro um jinn⁴ travesso, que se ocupará de te transportar ao diabo mais rápido que suas duas muletas!

Leguel-Badhadhi foi bater em outra porta. Era a morada da mãe de Hammadi, o moço mais bem nascido e mais bem visto do vilarejo. A velha mulher fez entrar a estranha criatura, mas não pôde se conter em perguntar:

“Máscara de madeira! Você é um ser humano ou um jinn?”.

– Eu sou um ser humano, – respondeu a moça – mas uma magia me fechou dentro dessa máscara e não posso escapar.

– Tome cuidado! – disse então a velha mulher – Meu filho Hammadi é um curioso sem escrúpulos! Ele é capaz de fazer de tudo para ver como e quem você é. Para evitar qualquer acidente, recomendo que fique sempre perto de mim.

Neste momento surgiu Hammadi:

“Mãe!”, espantou-se. “O que é essa máscara repugnante e negra como uma noite sem lua?”.

³ Leguel: pequeno pedaço de madeira. (Ch.S.)

⁴ Jinn: entidade sobrenatural (NT).



- Meu filho, é um ser desafortunado que o diabo transformou em máscara.
- Mãe, essa máscara é um presságio de azar. A calamidade a rodeia por tudo. Eu vou agora mesmo jogá-la no fogo e fazer espalhar nos quatro pontos cardeais as cinzas de seu corpo de infelicidade!
- Não faça isso, meu filho, pois para sempre falarão de sua triste conduta, e para sempre citarão seu nome como violador das leis da hospitalidade! Você gostaria que, por seu desajeito, toda a família se tornasse objeto da calúnia pública?
- Bom, mãe. Já que você quer, não vou atentar contra os dias dessa máscara com lábios disformes, mas juro importuná-la até que ela vá embora por si própria pelo caminho de onde veio.

E, por certo, Hammadi cumpriu a palavra. A partir desse dia, fez lavar a máscara de madeira unicamente com a urina de seu cavalo; ele cuspiu sobre nada mais para além dela; ela a proibia de tomar parte de qualquer prosa; e durante a estação fria, ele a expunha aos ventos do norte...

Curiosamente, “Máscara de madeira”, longe de se aborrecer, parecia feliz de ser o objeto de tantas traquinagens refinadas...

Um dia, um arauto passou pelo vilarejo e anunciou:

“Oh, indivíduos brancos e negros, homens e mulheres, autônomos e cativos! O poderoso rei de Sakaye convida vocês para participarem da noite festiva que será dada em sua casa, por ocasião de retorno dos transumantes.

Oh, jovens! Venham, corram para Sakaye! Belas de olhos banhados de branco receberão vocês; seus dentes iguais a pérolas têm o dom de encantar os mais intrépidos; o pescoço delas foi moldado com arte inimitável; quanto ao perfume natural que delas exala, embriaga os mais virtuosos e estimula os mais frios...

Elas cantarão os feitos dos Ardos.⁵ E aos valentes pastores que matam os leões destruidores de rebanhos, oferecerão suas carícias e o contato voluptuoso de seus

⁵ Ardo: chefe fula. Nos tempos antigos do nomadismo, o Ardo era aquele que decidia e comandava os deslocamentos da tropa ou da tribo; era, de certa forma, o “mestre da estrada”. Seu papel podia ser igualmente religioso, quando era ao mesmo tempo “silatigui”, ou seja, chefe espiritual da comunidade e mestre de iniciação. Ao longo dos séculos, com a sedenterização, os Ardos se tornaram chefes temporais, chefes de vilarejo ou cântão, e mesmo reis, senhores da tribo. Os feitos dos mais célebres dentre eles são cantados pelos griots. (H.H., segundo A.H.Bâ.)



corpos flexíveis. Seus calcanhares são tão lisos quanto sua língua! A seda é a única rival de seus cabelos! Corram, oh, jovens, às velas moças de Sakaye!”.

Assim que Hammadi escutou esse discurso, decidiu enfrentar os trinta e três dias de marcha que separavam seu vilarejo de Sakaye. Comandou os preparativos da viagem. Quando tudo ficou pronto e após receber a benção de sua mãe, pôs-se a caminho.

Quando chegou a Sakaye, rodeado de seus griots e servos, foi recebido de acordo com a posição conferida pela sua linhagem e guiado até um lugar digno de seu nascimento. As virtuosas e as cantadoras rivalizaram com os griots-trovadores para cantarem seus louvores e citarem seus ascendentes na ordem genealógica. Os violonistas dedilharam habilmente seus instrumentos e se puseram a tocar uma melodia própria para inocular até mesmo a bravura nos corações mais medrosos.

Por certo, Hammadi estava maravilhado com o talento poético e com a beleza das moças, mas percebeu entre todas uma jovem de dezoito primaveras. Ela tampouco era gorda para se atrapalhar em seus movimentos, tampouco magra demais arriscando espetar com a ponta dos ossos aquele que nela tocasse. Em seu rosto agradável e descontraído, as sobrancelhas desenhavam duas graciosas curvas morenas que colocavam em evidência sua tez clara.

Quanto aos olhos... Ah! Os olhos! No meio de uma brancura que evocava o leite recém-ordenhado, a pupila estava cravada como uma pedra de azeviche. Em suma, esta jovem, sem falar de seus atavios e vestes de rara riqueza, reunia em si todas as qualidades e todos os charmes que os jovens teriam apreciado vê-la exibir com satisfação. Triste deles! Ciumenta de seus atributos, a jovem era insensível aos avanços daqueles que a cortejavam.

Hammadi, levado pelo calor de sua juventude e contando com sua nascerça e fortuna, apresentou-se. Disse:

“Minha irmã, você me daria a honra do ‘djengo’?⁶ Meus griots cantarão o que teus ouvidos desejarem escutar, e meus violonistas improvisarão variações de acordo com

⁶ “Djengo”: vigília (festa, reunião realizada à noite). (Ch.S.)



seu gosto e suas preferências. Farão combinações de forma a perturbar suas rivais e a fazer dançar de alegria nossos mortos e os mortos de nossos mortos”.

A jovem sorriu:

“Concedo ao seu desejo”, disse. “Aqui está uma esteira para você, e várias outras para teus pajens e griots. Sinta-se à vontade, e que, para você, minha acomodação seja espaçosa”.

Hammadi, extremamente lisonjeado, instalou-se sobre a esteira, cruzou as pernas e disse aos griots:

“Façam-me escutar os louvores desta que amo e que se encontra diante de mim”.

Mal haviam os griots de Hammadi entoado sua música evocativa, e os primeiros tremores de um terrível terremoto sacudiram a cidade. Tomados pelo pânico, todos os convidados debandaram, cada qual buscando salvar sua cabeça. Apenas Hammadi se manteve sentado sem vacilar, como se estivesse no próprio trono de seu pai...

A jovem, sorridente e serena como uma rainha em seu palácio, desprezando o perigo, virou-se para Hammadi:

“Como morre um fula puro-sangue”, perguntou, “qualquer que seja seu ramo genealógico?”.

– A morte é inevitável – respondeu Hammadi com calma – Bem tolo, então, aquele que queira evitá-la. Quanto mais se está em guarda, melhor ela te surpreende. Remédios e sortilégios, tudo se dobra frente a ela quando passa. Ela entra como um réptil e apenas sai com a alma que veio buscar. Nada se pode, quando ela lança seu golpe inelutável.

“Quanto ao fula puro-sangue, este deve morrer com as armas na mão no meio de um combate pela defesa dos rebanhos contra os carniceiros, leão à frente. Que tristeza se arrastar sobre uma esteira, lívido e ofegante! Que dor ficar sempre a reboque de alguém para sair e para entrar, suando e pesteando o ar ao redor com um bafo fedorento! Minha irmã, um fula puro-sangue morre com uma lança grossa e bem cravada na mão direita e com as rédeas de um corcel fegoso na mão esquerda”.

Durante esse tempo, a terra continuava a tremer, sacudindo tudo violentamente, desenraizando as árvores e rolando homens pelo chão. Os terraços dos palácios caíam



sobre os topos das casas vizinhas, as quais botavam de cabeça para baixo a cobertura dos galinheiros. O zurro dos asnos, o balido das ovelhas e o mugido dos bois, misturados aos gritos dos habitantes e aos relinchos de terror dos cavalos, desencadeavam uma baderna irada dos infernos. O estalo das árvores que despencavam fazia cacarejar as galinhas ensandecidas e expulsava dos esconderijos uma multidão de sapos, que se agarravam em vão nos jarros de barro, rolando com estes para dentro das fendas profundas que se abriam um pouco em todo lugar.

Toda a população se pôs a fugir. A cidade estava reduzida a nada, exceto pela casa em que se encontravam Hammadi e a jovem. Bruscamente, o teto que os abrigavam se entreabriu e a cabeça de um monstro aterrorizante apareceu. De sua goela em chamas, ele fez irromper trinta e três temíveis tentáculos. Hammadi empurrou a jovem para um dos cantos da morada. Sacando rapidamente um anel de sua mão, ele o deslizou para o anular da moça.

“Isto”, disse, “é uma garantia de nossa aliança. Se eu sucumbir, ele te servirá de lembrança”.

Apanhando então seu sabre, pôs-se em guarda e golpeou com todas as forças o tentáculo que ia prendê-lo. Um fogo terrível jorrou daquela língua misteriosa. Hammadi perdeu a consciência.

Quando voltou a si, constatou com estupor que tinha sido transportado e jogado no monte de imundícies situado atrás de seu próprio vilarejo. Nada compreendia desse mistério. “Certamente”, pensou, “aqui me acontece uma aventura bem extraordinária!”. Levantou-se, sacudiu as roupas e voltou à sua morada. Ali encontrou todos seus companheiros, tão perturbados quanto ele, por terem sido transportados, algum tempo antes, nas mesmas condições misteriosas.

Hammadi fez vir seu Thiorinké, um vidente e mago fula.

“Consulte teus oráculos,” disse a ele, “e peça à Potência invisível que me diga o que devo fazer para minha revanche contra o monstro de Sakaye”.

O Thiorinké traçou no solo pontos simétricos separados por figuras variadas e se pôs a salmodiar uma invocação:



Astro de segunda, entre no astro de domingo!

Astro de terça, entre no astro de sábado!

Astro de quarta, entre no astro de sexta!

Astro de quinta, circule entre os três esposos, armado de seu bastão, de seu punhal, de sua faca, de sua lança, de seu machado e de seu sabre. Diga a todos que Hammadi montou no touro oriundo do boi Hamtoudo, na vaca oriunda do touro Demba, na corça do prado Dembourou, e no cervinho que mama na leoa.

Sua força talha com uma água cortante. Sua alma se sacia com um fogo fresco.

Seu emblema se encontra no meio de uma ilha aérea, sob a guarda de um réptil zombeteiro que corteja um toco seco.

Após essa litania, salmodiada em modulações crescentes e decrescentes, e pouco inteligível ao comum dos mortais, continuou:

Como eu sei, como você sabe e como ele sabe, esta invocação é a chave que abre as portas de bronze, atrás das quais se encontram tesouros imensos. Ela faz subir aos tronos deste mundo e faz triunfar toda coisa nesta terra.

Por kou hop, ko koum hop, ko koum houn houa hop! Pelas marcas do boi sagrado e seus significados secretos, pelo cajado mágico do pastor transmutado, Hammadi é vencedor do monstro de Sakaye!

Oh, sim! Oh, sim! A água dissolveu a terra e apagou o fogo; o ar secou a água e o homem é vencedor do ar.⁷

Após essas palavras ambíguas, o Thiorinké disse ao moço:

⁷ Alusão às onze forças fundamentais tradicionais, das quais cada uma destrói aquela que a gerou. Há, primeiramente, cinco forças materiais: a pedra gera o ferro que a destrói, este gera o fogo que o faz fundir, o fogo gera a água que o apaga (aqui, por fogo compreendemos igualmente o calor que faz sair a água do corpo e que anuncia a estação das chuvas); a água gera o ar que a seca (a chuva é acompanhada de vento, os cursos de água geram uma brisa leve). No centro das onze forças, situa-se o homem. Ele é o “vencedor do ar”, pois é o único de todo o reino animal que caminha contra o vento; nenhum animal luta com o vento: ou segue seu sentido, ou se esconde para esperar. Em seguida, vêm cinco forças imateriais das quais vemos apenas os efeitos: o homem é vencido pela embriaguez, a embriaguez é vencida pelo sono, o sono é vencido pela preocupação, a preocupação é vencida pela morte, mas a morte é vencida pela vida eterna do além. (H.H., segundo explicações recebidas de A.H.Bâ. Ver também “Kaïdara”, em HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. *Contes initiaques peuls*. Paris: Pocket, 2001, p. 323, nota 2).



“Príncipe, a força superior te é favorável. O chefe dos espíritos recebeu a ordem de acorrentar nas masmorras mais sombrias o monstro tentacular. Quanto à jovem, o monstro a tinha raptado. Ela recobrou a liberdade, mas partiu não sei aonde”.

Hammadi veio encontrar sua mãe:

“Mãe,” disse, “preciso partir em viagem e isso por todo o resto da minha vida, a menos que eu tenha sorte suficiente para encontrar a tempo a jovem de Sakaye. Sem ela, a vida é um inferno para mim”.

E improvisou esse poema cantado:

*Bela de rosto, que prazer é contemplar
a branca⁸ tão bem feita e tão apetitosa!
Seus dentes são pérolas puras, ela mesma de pura raça.
A imagem de suas ancas largas
e de seu porte esbelto me faz dizer:
pobre de mim, choro minha alma...*

*Para mim, não há mais noite, mesmo meu dia é desagradável!
Comida alguma não me é mais nem saborosa nem quente.
Uma escuridão põe todos meus sentidos em luto
a ponto que eu não saberia nem mesmo sentir
a intensidade dos tormentos da morte.
Oh, pobre de mim! Eu choro minha alma...*

*Branca! Ao lugar de seu retiro, eu parto.
Cada aurora me encontrará viajando.
Se é um exército que te sequestrou, eu te libertarei!
Se seus mais valentes se opuserem, eu os perfurarei!
Oh, pobre de mim! Eu choro minha alma...*

⁸ “Branca” designa uma tez bastante clara, de uma claridade luminosa.



A partida de Hammadi foi fixada para três dias depois. Sua mãe, ocupada, aflita, tinha perdido a razão. Suas ideias se embrulhavam, ela fazia tudo pelo avesso... Finalmente, preparou para os viajantes uma grande quantidade de bolos de mel que moldou em bolas.

Leguel-Badhadhi, sempre fechada em sua máscara de madeira e se apoiando em suas muletas, se aproximou da velha mulher:

“Mãe,” disse, “eu gostaria de moldar algumas bolinhas para a felicidade de seu filho”.

– Oh, Leguel-Badhadhi, é muito gentil de sua parte, mas você conhece os sentimentos que Hammadi nutre ao seu respeito. Se te surpreendesse com a mão no bolo dele, ele te mataria!

– Escute, boa mãe, Hammadi não vai me surpreender. Seis ou sete bolinhos, é rapidinho. Antes que Hammadi volte da casa de seu pai a quem foi dizer adeus, terei terminado.

A mãe de Hammadi cedeu e deixou a moça fazer. Esta, com uma destreza espantosa, moldou em suas mãos sete bolinhas perfeitas. A mulher, cheia de admiração por esse belo trabalho, exclamou:

“Possa a viagem de meu filho ser tão agradável quanto esses bolos são belos!”.

Na aurora, a tropa de Hammadi pegou a estrada. Ela caminhou durante dias e dias. A cada refeição, o próprio Hammadi dividia as provisões, na proporção de sete bolos por cabeça.

Numa bela manhã, Hammadi e sua tropa chegaram diante de um grande rio misterioso. Um pescador parecia ser o único mortal presente no local. Hammadi o saudou:

“Bom pescador! Qual é esse rio tão largo que nada se pode distinguir na outra beira?”.

– É o rio do limite, – respondeu o pescador – Ele separa o continente oriental do continente ocidental⁹. Seu comprimento é de 66 milhões de côvados.

⁹ No conto iniciático “Kaïdara”, somente o herói que triunfar todas as provas, poderá atravessar o “rio do limite”, que separa o mundo invisível do mundo visível, e assim voltar ao mundo dos humanos (cf. o conto “Kaïdara” em



- Bom pescador, eu gostaria de chegar à outra beira. O que devo fazer?
- Não há nada a fazer. Não se passa.
- Quem é você exatamente, oh, pescador venerável?
- Eu sou o guardião do segredo da vaca¹⁰ e o depositário do segredo deste rio.

Volte sobre teus passos, o que você procura está atrás de você. Hammadi, a força superior não me permite deixar você ir mais longe.¹¹ As provisões vão te faltar; resta somente para hoje”.

Hammadi percebeu, de fato, que apenas restavam bolinhos para uma só refeição. Ele reuniu seus homens e repartiu as bolas de mel. Guardou para si as sete menores, dizendo que sua beleza preencheria seu volume. Comeu seis e chegou à última. Quando a rompeu, descobriu o anel que havia dado à jovem de Sakaye. Exclamou:

“Oh, meus músculos superficiais e meus músculos profundos, venham socorrer os ossos de meu esqueleto! A circulação de meu sangue está normal? Isso é fé ou loucura? É meu corpo sólido que se torna líquido? Estou lidando com uma jinn maliciosa, um jinn burlador ou um pequeno espírito invejoso?”

No mesmo momento, o pescador soltou um grito rouco e se transformou num gigantesco peixe-boi.¹² Deu um mergulho no rio e desapareceu...

Hammadi, pensativo, contemplava o lugar em que havia desaparecido o pescador. “O embaraçoso desposa o obscuro e de sua união, nasce o inexplicável,” disse, “Puxa! Desde que vi o monstro diabólico de Sakaye, o sol de minha felicidade se eclipsou”.

A essas palavras, o peixe-boi reapareceu:

“Hammadi”, gritou, “volte à sua mãe!”.

Hammadi e sua tropa tomaram, então, o caminho de volta. Frutas e caças não faltavam pelo caminho. A viagem transcorreu sem incidentes.

HAMPÂTÉ BÂ, *Contes initiatiques peuls*, p. 295). Os termos “oriente” e “ocidente” têm, geralmente, um sentido espiritual ligado ao simbolismo da luz.

¹⁰ Toda a iniciação pastoral fula repousa sobre um simbolismo ligado ao bovino. Trata-se aqui da vaca hermafrodita original, discutida em: HAMPÂTÉ BÂ, Amadou; DIETERLEN, Germaine. *Koumen: texte initiatique des pasteurs peul*. Paris: Mouton, 1961. (H.H.)

¹¹ Não se trata aqui de uma busca de natureza iniciática, como em “Kaïdara”. Hammadi não pode então passar os limites do mundo visível.

¹² Peixe-boi: grande mamífero aquático herbívoro dos rios tropicais. Seu longo corpo afunilado dotado somente de duas patas anteriores, estaria na origem do mito africano das sereias. (H.H.)



Quando a mãe de Hammadi viu o filho retornar são e salvo, louvou tanto a Deus, que perguntaram se ela pararia um dia...

“Mãe!”, exclamou Hammadi. “Você quer que eu viva?”.

– Claro que sim, meu filho.

– Então, você tem que me dizer quem é aquele ou aquela que moldou as sete menores bolinhas de meu bolo de mel.

– Oh, meu filho! Ninguém mais, além de sua mãe, trabalhou no seu bolo...

– Mãe, entenda. Sua recusa em me responder vai me deixar louco, ou então me matar. Eu sei que uma mão estranha participou desse trabalho. Tenho uma prova.

– Meu filho, jure por este seio em que você mamou¹³, que não fará mal ao culpado.

– Eu te juro mil vezes, minha mãe!

– É Leguel-Badhadhi.

– Mãe, quero que me tragam Leguel-Badhadhi imediatamente, e que publiquem por todos os lugares minha decisão de desposá-la nesta mesma noite.

– Socorro, famílias fulas! – clamou a mãe de Hammadi – A confusão da razão tomou conta do meu filho! Ai de mim, pois a demência entrou pela grande porta de minha morada! Ai de mim, pois em cada trança de minha cabeça, uma idiotia se suspendeu! Ai de mim, a embaixada do diabo é o hospedeiro forçado de minha morada! Ai de mim, meu filho enlouqueceu!

– Não, mãe, eu não estou louco. Neste exato momento, sou o homem mais são da terra. Jamais estive tão lúcido. A luz da alegria ilumina as trevas de minha alma. Mãe, mude o tom... Aquilo que me impedia de dormir noite e dia, adivinhe o que é?

– Não sei, meu filho.

– Mãe, é a Leguel-Badhadhi. E a jovem pela qual estou morrendo, adivinhe quem é?

– Não sei, meu filho.

– Mãe, é a Leguel-Badhadhi.

¹³ O juramento mais sagrado na África.



Hammedi contou, então, à sua mãe a história do anel, o qual mostrou para ela. A velha mulher se maravilhou até não mais poder.

As núpcias foram celebradas segundo o costume de Waye, avô dos fulas da tribo Férobé.

Leguel-Badhadhi, liberta de sua máscara de madeira, abandonou sua casa exígua e se mudou para o palácio principesco.

Desde então, o cérebro de Hammedi retornou ao seu lugar, e todas as coisas entraram em ordem...

*E o conto me abandona aqui onde me encontrou.*¹⁴

Referências bibliográficas

¹⁴ Este conto existe com variantes. Cf. SEYDOU. Christiane. *Petite Bûche*. Paris: Nubia, 1980. SEYDOU. Christiane. *Contes et Fables des veillées*. Paris: Nubia, 1976, p. 54-63. (H.H., segundo Ch.S.)



HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. *Contes initiaques peuls*. Paris: Pocket, 2001.

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou; DIETERLEN, Germaine. *Koumen: texte initiatique des pasteurs peul*. Paris: Mouton, 1961.

SEYDOU. Christiane. *Contes et Fables des veillées*. Paris: Nubia, 1976.

SEYDOU. Christiane. *Petite Bûche*. Paris: Nubia, 1980.